

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DO FENÔMENO

2018

Flávio Aparecido de Almeida
Graduado em Psicologia pela UNIFAMINAS
Graduado em Pedagogia pela FINOM
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCAM
Especialista em Neuropsicopedagogia pela UCAM
Especialista em Gestão de Saúde Mental pela UCAM
Especialista em Psicologia Social pela INTERVALE
Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela UCAM
Pesquisador no NUPET- Núcleo de Pesquisa em Ensino e Tecnologia da UEMG

Professor na Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG /Brasil)

E-mail de contato: flavio.a.almeida@hotmail.com

RESUMO

A violência praticada na escola, denominada bullying, tem sido considerada como um dos maiores problemas enfrentados pelos alunos nas escolas do mundo inteiro. Conceituado como um tipo de violência onde alguém oferece, conscientemente ou através de atos de intimidação, ameaças, apelidos, insultos, comentários racistas entre outros que, sistematicamente, se transformam em violência física e/ou psicológica, vem demonstrando que pode prejudicar o aluno seu desenvolvimento, principalmente nos aspectos social e psicológico. Assim, diante da gravidade com que se apresenta essa realidade, o objetivo desse estudo é sistematizar e especificar as complexidades e do bullying e as possíveis intervenções do psicológico para o enfrentamento desse fenômeno, tendo em vista que uma de suas funções é identificar no conjunto das práticas educacionais, os problemas que possam dificultar e/ou prejudicar o desenvolvimento, equilíbrio e convivência do individuo com o grupo a que pertence, assim como suas relações sociais Para isso, utilizou-se como aporte teórico autores como Debarbieux (2011), Nogueira (2012), Fante (2015), dentre outros que se dedicam ao tema, de modo que fosse possível buscar elementos que permitam identificar e relacionar estratégias de defesa, prevenção, intervenção e erradicação desse fenômeno que tem se mostrado cada vez mais frequente nas escolas brasileiras.

Flávio Aparecido de Almeida 1 facebook.com/psicologia.pt



Palavras-chave: Bullying, prevenção, práticas educacionais.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/



BULLYING E A ESCOLA

A violência no espaço escolar tem se apresentado na atualidade como um fenômeno social de escala mundial. Embora não seja um tema novo, presente desde sempre nesse espaço institucional, vem assumindo nas últimas décadas novas configurações em países considerados de primeiro mundo e também no Brasil.

O bullying apresenta uma conotação de perseguição e insistência, e entre as características que mais se destacam é a longa duração dos atos que acabam por levar a vítima a aceitar os abusos do agressor como válidos e, por conseguinte, sem contestação.

As vítimas, submetidas a um sofrimento constante acabam sem perspectivas de superar ou mesmo vislumbrar alguma proteção. Portanto, considerar o bullying como um comportamento normal de quem o pratica ou apenas como uma brincadeira favorece a sua continuidade, provocando nos indivíduos vitimados por tal comportamento sérios distúrbios psicológicos, podendo inclusive, em alguns casos, chegar ao extremo do suicídio.

Diante disso, ao procurar investigar as práticas denominadas como bullying no contexto escolar, o objetivo que se coloca para essa pesquisa é sistematizar e especificar as complexidades e do bullying e as possíveis intervenções do psicológico para o enfrentamento desse fenômeno.

Considerando que a questão do bullying ultrapassa os limites da escola, consistindo-se como um grave problema social, além da insuficiência de pesquisas no Brasil sobre o tema e da importância que o fenômeno tem na vida escolar, essa pesquisa se justifica, por abordar com maior profundidade o assunto, na tentativa de buscar compreender suas manifestações no cenário educacional, contribuindo, mesmo que modestamente para o seu enfrentamento, visto que, a partir da compreensão de como se processa essa prática, será possível dimensioná-la e criar mecanismos para atuar sobre suas consequências.



Sendo assim, a problematização do tema é necessária, uma vez que a discussão e o debate atuam como forma de alerta para as partes diretamente envolvidas, como também para a sociedade. Um exemplo admirável de ação de combate é a utilização, por intermédio dos ambientes acadêmicos, do "Dia Mundial de Combate ao Bullying" para fomentar o debate através de palestras e campanhas que promovem a assimilação e o enfrentamento deste tema tão importante.

A PRÁTICA DO BULLYING

Na sociedade moderna, a violência é uma questão que afeta grande parte da população mundial e está presente no dia adia de forma cada vez mais intensa. As formas de manifestação da violência são variadas e recebem influência da cultura e do modo como o homem organiza sua vida e suas relações sociais.

A imprensa, nos dias de hoje, dá grande destaque à questão da violência e comunica cotidianamente manchetes referentes a latrocínios, homicídios, chacinas, seqüestros, guerras, enfim, uma infinidade de atos violentos. Sabe-se, porém, que não são apenas estas as formas de violência que afetam a sociedade. Conflitos no campo e nos centros urbanos decorrentes da desigualdade social, discriminação e exclusão de determinados segmentos da sociedade, violação de direitos, violência doméstica, entre outros, também são expressões de violência na sociedade moderna.

Mas, afinal, o que vem a ser violência? Como ela se manifesta? Quais suas causas? O que motiva o ser humano a uma ação violenta? Estas, certamente, são questões que merecem ser discutidas, principalmente, quando episódios de violência estão cada vez mais frequentes entre crianças e adolescentes, principalmente no espaço escolar.

Segundo Fante (2015, p. 41) "embora no Brasil não existam dados precisos sobre a violência praticada por crianças e adolescentes no âmbito escolar, verifica-se que este fenômeno está presente em nossa sociedade, atingindo diariamente uma grande quantidade de indivíduos".

Portanto, a compreensão e explicação das razões da violência são de interesse universal. Nesse sentido, a violência disseminada na sociedade moderna é também um problema presente no cotidiano escolar, principalmente quando se nota que uma de suas manifestações, a qual se convencionou chamar de bullying, tem crescido assustadoramente no país.

Esse fenômeno vem sendo tratado sob múltiplos olhares e abordagens e as discussões e pesquisas incluem desde o próprio conceito de violência e de suas causas até as alternativas de enfrentamento (SANTOS, 2011).



A realidade é que, a partir da popularização do termo bullying, sucedeu-se um maior discernimento a respeito dessa forma de violência, como também uma maior consciência de seus nefastos efeitos. Porventura desse motivo advém a impressão de que o problema se tornou mais presente e recorrente. Outro fato a ser considerado é a função da mídia e da internet que agem como potencializadores ao divulgar informações acerca desse tipo de agressão, como também, ao expor os efeitos causados à vítima da prática de bullying.

O bullying, é a conduta da intimidação sistemática, não é um comportamento novo e, especificamente entre crianças nas escolas, vem sendo estudado desde a década de 70.

Debarbieux (2011) afirma que o bullying começou a ser pesquisado no Brasil por volta do ano 2000, em suas diversas modalidades. O presente estudo trata tão somente do bullying escolar, cuja ocorrência se dá dentro das dependências das instituições privadas de ensino ou através da sua rede de computadores e/ou Internet, envolvendo estudantes crianças e/ou adolescentes entre si ou, ainda, entre estudante criança e/ou adolescente e professor, este último figurando como sujeito ativo.

Este fenômeno vai muito além das brincadeiras consideradas típicas da idade ou de simples brigas e chacotas corriqueiras entre crianças e adolescentes, violando a dignidade das vítimas, provocando sequelas físicas e/ou psicológicas. Além disto, o bullying contribui para a evasão escolar, a disseminação do preconceito.

Para Santos (2011, p. 74):

Atendo-se ao bullying escolar, sabe-se que, comumente, a vítima trata-se de criança e/ou adolescente. Isto não significa que os colaboradores da escola, tais como professores, auxiliares, inspetores, coordenadores e outros, não possam figurar como sujeitos passivos desta relação. Para definir criança e adolescente utiliza-se o critério adotado pelo art. 2°, da Lei 8.069 de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, segundo o qual se considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.

É notório, porém, o agravamento do bullying com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, em especial a internet, promovendo a continuidade e a publicidade da agressão que começou na escola, de modo a intensificá-la e agravar os danos à vítima.

Onde há ocorrência de bullying escolar não há democracia, muito menos exercício da cidadania. Ser cidadão vai além da participação política, é ter direito à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei, em resumo, é ter direitos civis, políticos e sociais. Não são raros os casos em que a vítima de bullying escolar perde a vontade de frequentar a escola e acaba por abandonar os estudos,



comprometendo seu desenvolvimento pessoal e profissional, privando-se do convívio em sociedade, tendo seu direito à educação abreviado.

Sposito (2012, p. 3) aborda algumas reflexões sobre os conceitos de bullying, ressaltando que:

> [...] alguns priorizam a força e a destruição das práticas violentas no espaço social mais amplo e deixam de considerar as práticas cotidianas mais sutis - observadas no ambiente escolar - que refletem e veiculam o racismo, a intolerância ou, ainda, os mecanismos referentes à violência simbólica que se manifestam na relação pedagógica.

Segundo Fante (2015, p. 9) o bullying, é compreendido como:

[...] toda intimidação exercida de forma cotidiana entre os alunos. Diz respeito à vontade consciente de maltratar alguém, colocando-a sob tensão. É também uma intimidação que faz uso contínuo de um abuso de poder agressivo e sistemático. Suas manifestações efetivas são feitas por meio de ameaças de espalhar boatos, da exclusão de um grupo de amizades e por ameaças de agressões físicas.

A gravidade deste ato está na sua invisibilidade, que acaba ficando aprisionada nas "cifras ocultas", que conforme Montoya (2012, p. 69) "podem ser apreendidas por meio da pesquisa de vitimização". Fante (2010, p. 10) afirma que "o bullying tem um poder destrutivo de promover danos psicológicos irreparáveis às suas vítimas".

Outro aspecto importante a ser observado diz respeito à origem familiar dos indivíduos que praticam o bullying. Segundo Hayden e Blaya (2012, p. 32), "esses provêm, em geral, de ambientes difíceis e perturbados, sendo vítimas de violência doméstica".

Apesar de reconhecer a influencia que os fatores familiares possam ter sobre as condutas das crianças nas escolas, Debarbieux (2011, p. 107) avalia que a explicação para o bullying "não deve ser buscada apenas em nível individual, sendo mais indicada a análise de dificuldades cumulativas vivenciadas de forma coletiva nas escolas que não conseguiram criar um clima de harmonia".

Nesta proposta de análise contextual, os problemas individuais ou familiares representam uma das possíveis variáveis, cabendo considerar, também, as variáveis estruturais, as condições sociais e institucionais, o sistema educacional e político. Esta visão se alinha com outros autores que ressaltam que o bullying deve ser analisado macro e microssociologicamente.

5



Dentro deste cenário, o psicólogo necessita ter uma proposta de ação coerente com a realidade da escola, atendendo suas expectativas e necessidades e ajudando a resolver os problemas que lá ocorrem relacionados à questão da violência e do bullying.

No entendimento de Nogueira (2012, p. 58) o psicólogo precisa trabalhar em parceria com os demais profissionais da escola de forma que:

[...] possa criar, permitir ou colaborar para a abertura de novos espaços, necessários para a discussão e reflexão de assuntos pedagógicos da escola. Dentro de sua perspectiva, imprime um estilo de funcionamento, ou pelos menos, o afeta grandemente, determinando muitas vezes, as ações, os limites e a flexibilidade no trato das tensões no âmbito escolar.

Segundo Oliveira (2014, p. 33), "para que o bullying escolar não se torne um problema para os atores da escola, seria necessário, entre outros elementos, que estes atores estivessem preparados para atuarem de forma a preveni-lo", onde estaria situado também o psicólogo, como mediador e articulador deste plano de prevenção.

O psicólogo nana escola atual precisa ser visto como um profissional de apoio efetivo à organização e funcionamento escolar, que coloca a sua competência técnica a serviço de ações que contribuam para a saúde mental do educando, elevar sua auoestima, e buscar equilíbrio emocional para que ele enfrente o cotidiano da escola.

Dessa forma, quando a escola é palco de ações de bullying, cabe a todos os envolvidos com a instituição um papel ativo no combate e no controle da situação, já que o desenvolvimento de comportamentos violentos pode ocorrer tanto por omissão quanto pela negação da sua existência. Nesse caso, a ação enérgica do psicólogo juntamente com toda a comunidade escolar (direção, professores, funcionários, alunos, pais e as famílias) deve buscar condições para que comportamentos ligados ao preconceito, à intolerância e à violência não ocorram no espaço da escola

A proposta do psicólogo não é apenas de orientar no sentido estrito do termo, mas atuar como componente indispensável, competente para acompanhar e ajudar, procurando ser um mediador das relações pessoais e psicológicas. Seu trabalho se estende na relação com a comunidade, direção, alunos, professores, interessando-se por todos os aspectos, inclusive os relacionados à violência escolar.

Dessa forma, é importante que ele crie espaços de diálogo e de escuta. Esse cuidado com as relações diárias no ambiente escolar irá influenciar no comportamento dos alunos.



Nesse sentido é que tanto a criança quanto o adolescente que não recebem esse cuidado no ambiente familiar apresentam características que estarão presentes pelo resto de suas vidas e vão definir o tipo de ser humano quando adultos, por isso tamanha a importância e a responsabilidade de se desenvolver um ambiente escolar agradável e acolhedor que dê segurança e que seja capaz de compartilhar das angústias e aflições dos alunos que sofrem bullying.

Tais questões demonstram a necessidade de se formar um ser humano cada vez melhor, que seja protagonista de sua própria história, tarefa que sozinha a escola não poderá cumprir, considerando a forma em que se encontra hoje estruturada.

Portanto, deduz-se daí que somente profissionais qualificados, capacitados e comprometidos com a mudança darão conta do pleno desenvolvimento humano e de atender as demandas decorrentes da universalização da educação, promovendo a articulação com outros serviços complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying tem se constituído a partir de um conjunto de fatores que precisam ser examinados de forma mais consistente, pois até o momento, não foi feito ainda um mapeamento teórico que organize as explicações sobre esse fenômeno.

De qualquer forma, independente dos motivos que levam crianças e adolescentes a praticarem atos de bullying, o certo é que esta é uma situação complexa e formular uma explicação única e generalizada sobre esse fenômeno não resolve a questão. Cada situação precisa ser compreendida a partir de sua própria dinâmica e particularidade, de modo que possibilite a aplicação de ações pontuais e específicas.

Deixando de lado as explicações simplistas que tentam explicar o fenômeno como decorrentes de problemas cognitivos, financeiros, falta de controle por parte da família e da escola dentre outras, pode-se dizer que para lidar com o bullying é preciso, em primeiro lugar prevenir, mas sempre tendo consciência de que o fim desse problema não ocorre de um dia para outro e nem tampouco se combate esse fenômeno com ações isoladas, sem participação constante da escola, da família e da comunidade.

Uma política pública direcionada ao combate a violência escolar deve primeiramente valorizar o professor. Em segundo lugar, é preciso criar mecanismos que possam desenvolver na família um compromisso de responsabilidade, de modo que os atos violentos possam se transformar em ações de sociabilidade.



Como é possível perceber, não há solução fácil. No entanto, é preciso que todos os envolvidos com o processo educacional lutem por profundas mudanças no modelo de educação e de escola vigente de modo que possibilite um trabalho envolvido não apenas com a transmissão de conhecimentos, mas que atenda as exigências impostas pela contemporaneidade. Talvez, por isso, intuindo que a escola sozinha será incapaz de atingir objetivos tão complexos, que se visualiza a necessidade da instituição escolar contar com uma equipe multiprofissional, incluindo aí o Orientador Educacional, para atuar frente a essas demandas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBARBIEUX, Eric. (Org.). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2011.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2015.

FANTE, Cleo.; PEDRA, José Augusto. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HAYDEN, Carol.; BLAYA, Catherine. Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. In: DEBARBIEUX,. Violência as escolas. Brasília: UNESCO, 2012.

MONTOYA, Yves. Violência nas escolas: orientação e situação atual das pesquisas na França. In: DEBARBIEUX, E. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, 2012.

NOGUEIRA, Madza. Diretor/dirigente: a construção de um projeto pedagógico na escola pública. 2012. Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. Acesso em: 15/05/2018.

OLIVEIRA, Rosimary. As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2014.

SANTOS, José Vicente. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./jun. 2011.

SPOSITO, Marília. A instituição escolar e a violência. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 104, jul. 2014.